

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

210

ADDENDA ET CORRIGENDA
ÍNDICE DOS FASCÍCULOS 200 a 209
INSCRIÇÃO 757



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2021

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:

1 2



9 0

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA

ADDENDA ET CORRIGENDA

Ad n. 731-733

O marco de Paçô (FE 731) poderia ser um marco de delimitação do couto do Mosteiro de Salzedas; em 2015 publiquei uma foto do marco que está na berma da estrada no sítio do Padrão (Foto aqui: http://viasromanas.pt/vri/marco_do_padrao.jpg) que apresenta, tal como o marco de Paçô, uma cruz gravada no topo que indicia a sua utilização como marco do couto de Salzedas, definindo neste caso o limite norte do couto. Este marco apresenta as típicas dimensões de marcos romanos pelo que coloquei a hipótese de ser um miliário reutilizado. Mas, para além das suas dimensões, há um outro argumento para considerá-lo miliário: de facto, num documento medieval sobre o couto de Salzedas, diz-se claramente que este era limitado a norte pela «strata mourisca» que vinha da travessia do rio Douro na Régua e seguia por alturas da Queimadela pelo chamado «Monte Raso», um vasto planalto onde a passagem é muito facilitada (publiquei o documento aqui: http://viasromanas.pt/dc/LDMS-f61_Salzedas.htm).

Ao longo desta via temos vários marcos de delimitação do couto, nomeadamente um na Capela de São Lourenço, outro em Soito, o referido em Padrão e, já fora do alinhamento da via, um em Santiago e outro em Cimbres (Tamanqueira).

Da mesma forma, é possível que o marco de Paçô, pela sua posição actual, indicasse o limite sul/sudeste do couto, confrontando com o couto do Mosteiro de São João de Tarouca.

FONTES:

CASTRO, Ana Sampaio e (2013) – https://issuu.com/066239/docs/actas_museu: “Vias Medievais nos Coutos monásticos de S. João de Tarouca e Sta Maria de Salzelas”, *Actas das 1ª Conferências do Museu de Lamego/CITCEM*, p. 105-123.

CASTRO, Ana Sampaio e (2013a) – <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12824.pdf>: “A paisagem monástica no Vale do Varosa: o caso dos mosteiros cistercienses de St.ª Maria de Salzedas e S. João de Tarouca», *Revista CEM*, 4, p. 25-49.

Por sua vez, o marco de Paçô, caso seja miliário, poderia assinalar a via proveniente de Lamego que passava na Ponte de Ucanha seguindo depois por Paçô e junto da Capela de São Mamede (tégula e cerâmica comum; Teixeira, 1998) rumo a Moimenta da Beira:

TEIXEIRA, Ricardo (1998) – <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9384.pdf> “Elementos para o estudo da ocupação romana no Alto Douro: bacia hidrográfica dos rios Varosa e Balsemão”, in *Douro Estudos & Documentos*, vol. III(5), p. 11-28.

FE 732

O miliário de Charangões poderia ser associado à via entre Moimenta da Beira e Aguiar da Beira que passa por Quintela; estaria assim deslocado.

FE 733

O miliário da Cerca poderia estar associado a uma via N-S que vinha Moimenta da Beira por Castelo rumo ao Douro, podendo bifurcar aqui um ramo para noroeste rumo ao Castro de Goujoim e outro para nordeste rumo ao povoado de Lonja; mantenho estes itinerários como hipótese porque obriga à travessia de rios em vales muitos cavados.

Notar a similitude destes marcos com, por exemplo, o miliário de Constantino da Lagoa em Faia – viasromanas.pt/vri/marco_da_lagoa_faia.jpg – sugerindo que estes marcos tardios teriam um menor diâmetro, o que pode ser outro argumento para a sua classificação como miliário; a este podemos acrescentar o miliário de Numeriano, de Vide, também tardio. Ou seja, todos os marcos da região apontam para uma cronologia tardia, mais toscos, mais estreitos e com uma gravação descuidada, o que pode dar pistas para o processo de romanização desta área.

Longe de tentar esclarecer a questão da sua cronologia, pretendi apenas enquadrar este marcos na rede viária da região; muitos outros marcos com características idênticas foram classificados como miliários sem reservas, levando-me a pensar se não devemos rever a função viária atribuída a alguns deles.

Esta estrada “mourisca” que delimitava o couto a norte é muito

relevante porque vem esclarecer a travessia do rio Douro no Peso da Régua dando continuidade às vias provenientes de Chaves e de Braga. Do rio subia a encosta por Valdigem e Figueira, continuando depois pelo planalto do «Monte Raso» e pelo sítio do Padrão para Moimenta da Beira, onde bifurcava para Marialva e Mérida, cruzando neste caso a Serra da Estrela. Este parece ser o eixo principal e não a estrada por Lamego; aliás, a distribuição dos possíveis miliários nesta área parece reforçar esta proposta, com os marcos do couto de Salzedas (São Lourenço, Soito, Padrão e Cimbres) marcando a passagem pelo Monte Raso até Moimenta, os miliários de Vide, Faia, Quinta da Lagoa e Prados, todos nas imediações da possível travessia do rio Távora, “apontando” na direcção da *civitas Aravorum*, e, finalmente, na estrada de Moimenta a Fornos, poderíamos incluir os possíveis miliários de Carapito, Charangões e ainda o que está na Igreja de Muxagata, também anepígrafo. Esta sequência permite assim definir o grande itinerário de Braga a Mérida, em alternativa à tradicional passagem por Viseu. Assim o percurso seria Braga – Gatão (Amarante) – Vila Chão – Serra do Marão, Campeã – Torgueda – Sta. Marta de Penaguião – Régua – Moimenta – Aguiar da Beira – Muxagata – Fornos de Algodres – Linhares – Quinta da Taberna – Barreiras – «*Centum Cellae*» – Igaedis – Mérida. Este itinerário surgiu à medida que ia interligando os diversos troços no Google Earth, permitindo entender o alinhamento dos grandes itinerários pré-romanos, utilizados durante a Idade do Ferro (mas certamente bem anterior); tipicamente esta rede percorre os grandes corredores naturais, permitindo a circulação sem grandes variações de altitude e evitando sempre que possível o cruzamento de rios; rede essa que irá sofrer sucessivas reparações durante o período romano das quais estes marcos farão eco (?).

PEDRO SOUTINHO

Ad n. 735

Como dizem os autores, a inscrição está muito deteriorada, o que dificulta a leitura, como a foto comprova; no entanto, existem hipóteses que obviariam a certas incongruências. A primeira é a idade da defunta, que poderia ser XL em vez de XI porque, embora não seja impossível que uma rapariga falecida com 11 anos tenha tido um filho antes de morrer, este seria certamente

demasiado jovem à data, e nesse caso, era natural que a sepultura tivesse sido dedicada por um membro sénior da sua família. A segunda diz respeito a quem faz o monumento; na l. 4, a proposição ET indica duas pessoas; logo, propõe-se *h(oc) f(aciendum) c(uraverunt)*.

Ad n. 736

A paleografia – nomeadamente o acabamento da barra horizontal do T, o modo de grafar do M e o facto de a barra do E ser mais curta que as outras duas – sugere que possa tratar-se não de uma epígrafe romana mas da época renascentista.

Ad n. 737

Le milliaire de Tacite est surtout intéressant parce qu'il appartient à une série très lusitanienne. Mais il me semble qu'il n'y a rien là d'étonnant : dans tous les moments troublés de l'histoire de l'Empire, les provinces (= les gouverneurs) ont souvent signalé leur engagement politique, soit parce qu'ils étaient eux-mêmes candidats à l'Empire, soit pour montrer leur ralliement à un autre candidat ou à un prince récemment parvenu au pouvoir. Les milliaires étaient un bon moyen de faire connaître de tels sentiments parce qu'ils jalonnaient des itinéraires et qu'ils étaient donc nombreux : c'est ainsi que, au temps de la révolte de Postumus, le légat de Tarraconaise a pu faire connaître son ralliement à la sécession des Gaules. Le musée de Bordeaux possède le seul document officiel connu (une inscription honorifique) signalant le règne de Gordien Ier au milieu du IIIe siècle...

Si j'en crois la similitude qui, en Lusitanie, touche quelques-uns des miliaires de Tacite, on peut imaginer que des équipes de tailleurs-graveurs (éventuellement, récupérateurs de bornes plus anciennes retaillées) ont pu parcourir certains tronçons d'itinéraires pour effectuer un travail, apparemment rapide et peu soigné, mais qui faisait connaître à la fois le nom du prince et le choix de la province, loyalisme ou ralliement. Comme les textes sont au datif, ce sont des pièces "honorifiques" comme on dit en français, et donc, effectivement, pas des 'vrais' milliaires, mais ils gardaient quand même leur fonction de jalons.

JEAN-PIERRE BOST